

A conquista da Itália e a presença do outro. A literatura da migração no cenário italiano contemporâneo

Resumo: Em 1990, com a publicação das obras *Io venditore di elefanti*, de Pap Khouma, e *Immigrato*, de Salah Methnani, começa a destacar-se na Itália um novo tipo de texto literário que, relacionando-se a experiências análogas em outros países, sobretudo europeus, foi inicialmente chamada de literatura da migração ou literatura migrante. A produção dos escritores migrantes articula-se na Itália em tempos diversos conforme a evolução do fenômeno. Inicialmente o escritor migrante contava com um colaborador italiano, e a temática de suas obras refletia frequentemente aspectos relacionados à imigração. Eram os primeiros testemunhos de uma necessidade de comunicação aliada à representação da figura do outro em uma sociedade que até há pouco tempo conhecera quase somente a emigração. Depois de um período de retração, a literatura da migração é hoje um fenômeno em contínuo crescimento e promove a expansão dos horizontes da literatura italiana, assim como de materiais e instrumentos capazes de levá-la a soluções inéditas, não obstante a condição fronteiriça que evidencia sua definição como literatura “outra”.

Palavras-chave: Imigração; Itália; literatura da migração; identidade; cânone.

Abstract: There began in 1990, with the publication of *Io venditore di elefanti*, by Pap Khouma and *Immigrato* by Salah Methnani, to make itself felt in Italy a new line in literary creation which, recalling comparable experiences in other – above all European – countries, was dubbed initially Migration or Migrant Writing. Production by migrant authors in Italy has fallen into several periods and is characterised by a process in which a development can be perceived. The migrant author relied at first on collaboration from an Italian and his or her works dwelt often on problems thrown up by the immigration process. They represented for the first time the witness to a need to relate to the alien or Other in a society that up to that point was acquainted solely with emigra-

tion. After a lull, Migrant Writing is today a phenomenon on the increase, capable of offering new horizons to the general imagination, and bringing via its resources novel results to Italian literature, though it still inhabits a category which emphasises of it an image as something “alien”.

Keywords: Immigration; Italy; Migrant Literature; identity; canon.

Ho lasciato una terra che non era la mia terra
per un'altra che, neppure essa, m'appartiene.
Mi sono rifugiato in un vocabolo d'inchiostro,
il libro è il suo spazio,
parola di nessun luogo, parola oscura del deserto.
Edmond Jabès, *Un étranger*

Em 1990, em concomitância com o incremento dos fluxos migratórios para a Itália, a publicação de duas obras autobiográficas com o auxílio de colaboradores italianos, escritores e jornalistas (*Io venditore di elefanti*, de Pap Khouma e Oreste Pivetta, e *Immigrato*, de Salah Methnani e Mario Fortunato), caracterizadas por um perfil literário complexo, deu início ao fenômeno da literatura da migração na Itália (anteriores desse “gênero” literário existem somente em relação ao processo de emigração italiana no mundo, particularmente no Brasil, Estados Unidos e Austrália), que se emancipou pouco a pouco das questões que inicialmente o caracterizaram - a necessidade de um co-autor italiano, a tentativa de retratar as problemáticas do imigrado (necessidade de aceitação, visibilidade e comunicação) e a superação dos estereótipos que caracterizam a figura do imigrado na sociedade italiana, perdendo, assim, o estigma da excentricidade e da marginalidade para impor-se como fenômeno literário da era contemporânea, que em outros países detém uma tradição mais longa, e não como um subproduto literário exótico ou associado somente a uma cultura da saudade e da “mala de papelão”. Em quase vinte anos, a literatura produzida por escritores migrantes na Itália (provenientes das mais diversas regiões do globo, inclusive do Brasil) desenvolveu poéticas, enriqueceu a literatura italiana contemporânea com formas, temáticas e abordagens novas, dando-lhe uma feição internacional ainda não suficientemente explorada.

O caso italiano constitui um novo parâmetro no âmbito da literatura de migração. A imigração para a Itália, país que até meados do século XX foi marcado por um processo maciço de emigração, é um fenômeno recente e que não está sujeito ao estigma da hostilidade entre os diversos componentes do processo. A imigração para esse país não está vinculada a uma realidade colonial (de fato, entre os países de maior contingente imigratório na Itália não consta nenhuma ex colônia); contrariamente à França e à Inglaterra, o passado colonial não

deixou como herança minorias étnicas mais ou menos integradas, nem mesmo relações profundas entre colonizados e colonizadores; da mesma forma, não se verificaram processos generalizados de interferência entre culturas diversas, como no caso dos Estados Unidos, ou correntes imigratórias provenientes, em sua maior parte, de um único país, como ocorreu na Alemanha com a população turca, ou ainda relacionadas a um fator econômico, como ocorreu com a imigração italiana na região renana do carvão. Pelo contrário, a tradição literária italiana, ancorada sobretudo em um passado nacional nobre, mas cuja herança atravessa uma crise de valores, e tradicionalmente pouco radicada na cultura popular, viu-se exposta a um fenômeno muito dinâmico, não somente pela rapidez das mudanças sociais envolvidas no momento histórico, mas também pela complexidade do movimento imigratório. Desde o início, os fenômenos imigratórios abrangeram tanto as tradicionais correntes mediterrâneas quanto amplas relações com o extremo Oriente, a América Latina, a África central e oriental. Por esse motivo, algumas questões que emergem desse cenário são constantes, como a necessidade de aprender a língua italiana, assim como a percepção restrita da matriz cultural de origem do imigrado; dessa forma, o produto literário da imigração, narrativo ou poético, geralmente não é interpretado em relação à cultura de origem do escritor migrante, mas à luz dos fenômenos imigratórios ou do impacto social dele decorrente, o que no caso da literatura indiana em inglês, por exemplo, não encontra paralelos.

A complexidade cultural que caracteriza tais obras, que em outros países e em outros contextos histórico-literários contam com representantes notáveis, não só originários de processo imigratório de massa, mas também como resultado da imigração individual (V. Nabokov, J. Conrad, I. B. Singer, M. Kundera, I. Kadaré, J. Fante, entre muitos outros) talvez seja seu aspecto determinante. Na Itália, a literatura da migração apresenta características próprias, que somente em parte reproduzem modelos internacionais. O que se nota de imediato, através da simples análise das capas das primeiras obras, é a dupla autoria, que se torna uma das características dominantes do primeiro período de produção da literatura migrante. A existência de um co-autor nas primeiras obras problematiza a figura do autor no texto e o conceito de autoria. O co-autor italiano exerce o papel de um mediador, que transforma a história que lhe é transmitida pelo autor, sob forma escrita ou oral, em matéria narrativa. Essa figura tem uma dupla função: não só deve uniformizar a história (narrativa) do escritor migrante do ponto de vista linguístico, mas deve dar forma literária a essa história, muitas vezes concebida pelo autor sob forma de diários, anotações

dispersas, gravações. A figura do co-autor permaneceu até 1995 para em seguida desaparecer oficialmente; todavia, a presença do co-autor, ainda que tênue e velada, continua a existir sob formas diversas, desde a tradução ao *editing*. O co-autor também exerce um papel de grande autoridade no processo de legitimação da produção literária dos escritores migrantes; nesse sentido, dois fatores devem ser considerados: o primeiro é o tipo de colaboração que se pode estabelecer entre escritor migrante e italiano: a simples observação das capas das diversas obras da primeira fase permite a elaboração de duas concepções diferentes de co-autoria, o co-autor pode ser um colaborador ou um organizador da obra em questão e, nesse caso, o seu nome é associado à expressão “a cura di” (organizado por), ou mesmo um autor (secundário), e em alguns casos o seu nome precede o nome do escritor migrante. No segundo caso, o nome do escritor italiano tem a função de legitimar, através da sua posição e competência, a escrita incerta do imigrado, ainda não integrado na sociedade acolhedora. Ao longo da evolução do fenómeno, os escritores migrantes tornam-se autônomos e passam a distinguir-se pelo domínio cada vez mais seguro da técnica narrativa, que em alguns casos torna-se justamente a mais-valia desses escritores, como também pela riqueza do imaginário, que consiste em uma das contribuições mais significativas desse “gênero” à literatura italiana oficial ou canônica.

No que se refere à descrição histórico-literária do fenómeno e à sua colocação no panorama da literatura italiana, manifestam-se desde o início problemas teóricos e práticos, como a tentativa imediata de definição e classificação dessas obras, observada desde o início nas resenhas e artigos jornalísticos, como também na produção ensaística. Piersandro Pallavicini, no artigo “Qualcosa che viene da lontano”, publicado na Revista *Pulp Libri* treze anos após a publicação das primeiras obras, retrata essa problemática: “Viene difficile anche solo definirli, tanto le etichette sembrano tutte inadeguate se non, in qualche caso, persino sottilmente offensive” (PALLAVICINI, 2003, p. 60) Outro percalço identificado é o critério de avaliação das obras, restrito, muitas vezes a três grandes grupos, o sócio-antropológico, o testemunhal-autobiográfico e o intercultural, como de resto propunham as primeiras resenhas críticas na década de 90, o que acaba por desconsiderar ou situar em segundo plano o critério literário-estético, que por si só carece de um campo de delimitação preciso:

queste prime considerazioni bisogna aggiungere l'attuale frantumazione della letteratura: chi oserebbe decidere, oggi, ciò che è letteratura e ciò che non lo

è, di fronte all'irriducibile varietà degli scritti che si ha tendenza a ricondurre alla letteratura, in prospettive infinitamente diverse? (TODOROV, 1983, p. 8)

A questão taxonômica, de forma análoga ao que ocorreu na Alemanha, é um ponto nevrálgico da delimitação de campo. Além da pura e simples tentativa de nomear e definir a literatura da migração ao longo de sua evolução histórica (entre outros, foram utilizados os termos literatura afro-italiana, intercultural, mestiça, nascente, emergente, entre outras), a nomenclatura exerce um duplo papel, de um lado contribui para a definição das coordenadas histórico-literárias de um fenômeno emergente e ainda não descrito como fenômeno literário, e de outro, produz um efeito divisório em relação à literatura italiana *mainstream*.

Depois de um início frutífero, em termos de divulgação e publicação em editoras renomadas, a literatura da migração passou por fases distintas, mas foi a partir de 1995 que se acentuou a sua condição marginal, resgatada quase somente pela publicação de antologias com os textos vencedores do concurso Eks&tra, que se tornou um poderoso canal de divulgação e de perpetuação das obras dos escritores migrantes, da publicação da Revista *Caffé* e do esforço de pequenas editoras, que continuam publicando algumas obras, mas que não fazem parte do circuito da grande distribuição de livros, e cujas publicações não são registradas pela imprensa.

Entre 1990 e 2006 foram publicadas mais de cem obras em língua italiana, das quais uma minoria em edição bilingue (esse é o caso, por exemplo, da coletânea "I mappamondi" da Editora Sinnos, de Roma, e do primeiro romance de Amara Lakhous, *Le cimici e il pirata*, Roma, Arlem, 1999), além de um grande número de textos publicados em antologias, sejam estas originárias de concursos literários ou não (como no caso do recente *Italiani per vocazione*, organizado por Igiaba Scego, Cadmo, 2005).

É somente em 2000 que a atenção ao fenômeno se intensifica; este passa a ser observado não com a lente restritiva da condição do imigrado, mas como fenômeno literário "de ponta" da era contemporânea, graças à divulgação de obras e escritores na Feira do Livro de Turim de 2000 e da publicação do romance *La straniera* (1999), de Younis Tawfik, pela editora Bompiani, que foi aclamada como obra literária, e não como documento ou testemunho. Entretanto, para que a literatura da migração deixe de ser a literatura do outro, são necessários tempo e maturidade. A condição estrangeira do escritor migrante não constitui um elemento determinante na escolha de temáticas imigratórias ou correlatas, pois, de fato, a sua produção ora revela, ora oculta o terceiro

espaço habitado pelo imigrante e o processo de representação cultural, que oscila entre a inclusão e a exclusão, a assimilação e a aculturação. O problema é o vínculo de cidadania que se atribui à literatura, além da associação, que se acredita obrigatória, entre o quadro histórico de fundo – o processo migratório para a Itália – e a produção literária. Essa continua sendo uma concepção muito difundida; de fato, uma revista popular como *Cosmopolitan*, por exemplo, publicou recentemente na seção “Libri” uma breve nota sobre os últimos romances da jovem escritora ítalo-egípcia Rhanda Ghazy (*Oggi forse non ammazzo nessuno*, Fabbri, 2007) e da escritora indiana Laila Wadia (*Amiche per la pelle*, e/o, 2007), na qual tal associação é clara: “altro che statistiche sugli extracomunitari: per capire come vivono gli stranieri in Italia bisogna leggere i loro libri!” (UNITED, 2007, p. 52)¹. Mesmo obras que não focalizam diretamente contextos migratórios ou choques culturais são, com frequência, recebidas em função do aspecto sociológico ou por vezes, linguístico, justamente pelo caráter de novidade que um escritor não italiano que escreve em italiano pode representar no quadro nacional. Na Alemanha, por exemplo, onde a literatura da migração existe há mais de três décadas, as temáticas iniciais, associadas ao universo biográfico do escritor, à condição miserável do imigrado, às problemáticas dos trabalhadores *gasterbeiter* (trabalhadores hóspedes), ao desejo de instaurar um processo comunicativo com a sociedade acolhedora, aos poucos deram lugar a obras independentes de ideologias, políticas e morais migratórias, sem que as temáticas migratórias ou as obras estruturadas como autobiografias tenham desaparecido por completo. A mudança de perspectiva na Alemanha está intimamente relacionada à presença da terceira geração de imigrados, com as devidas consequências nos planos identitário e linguístico. Na Itália, onde o fenômeno é mais recente, ainda são raros os representantes das segundas gerações.

Embora na Itália a crítica esteja começando a repensar o foco em relação às consequências do processo migratório no plano literário-cultural, esta ainda tende a considerar a literatura da migração a partir de um prisma étnico ou intercultural, reforçando, assim, a sua alteridade e excluindo de imediato uma análise estética das obras; consequentemente, a inversão da questão centro-periferia na qual se localiza o embate entre a literatura da migração e a literatura italiana e a colocação desta literatura no domínio da literatura italiana contemporânea tornam-se ainda mais problemáticas. Entretanto, a alteridade relacionada à proveniência geográfica e linguística do escritor migrante pode ser revista se considerada no território comum de uma língua e de uma literatura (a italiana, nesse caso). A presença maciça de escritores mi-

grantes na Itália constitui um desafio a essas duas categorias anteriormente mencionadas, que têm raízes profundas no âmago da nação: a questão étnica como marca da diferença e a literatura italiana como baluarte da tradição nacional, utilizada inclusive como uma espécie de elo de união no processo de unificação do país.

A complexidade das relações entre língua e literatura que se sobrepõem no campo literário exacerbam-se no território da literatura da migração. Se a língua e a cultura de base são ligadas por um elo indivisível, o inserimento do escritor migrante em uma cultura diversa e, conseqüentemente, em uma língua estrangeira na qual terá que compor suas obras, é marcado por um processo de deslocamento geográfico-cultural-linguístico que apresenta diversos desdobramentos, dos quais o mais notório é o desvio e o cruzamento linguístico; outros aspectos interessantes desse processo são a expressão da cultura de origem na língua do país de imigração (entre outros exemplos, os contos do escritor togolês Kossi Komla Ebri ambientados na África e o romance *500 temporali*, Cosmo Iannone, 2006, da escritora brasileira Christiana de Caldas Brito, ambientado no Brasil); a expressão mista entre a cultura do país de origem e a do país de imigração, fonte de referências intertextuais (como por exemplo o romance *Scontro di civiltà per un ascensore a Piazza Vittorio*, de Amara Lakhous, e/o, 2006); a reconstrução da própria identidade na língua estrangeira através do processo criativo; a formação de um espaço cultural híbrido que se reflete na escrita.

O escritor migrante habita, enfim, um espaço exclusivo no qual o imaginário passado e presente concorrem na escrita que se inscreve além do muro e além do mar, como no romance *Va e non torna* (2000) do albanês Ron Kubati: a sua escrita desestabiliza as fronteiras.

A mediação entre passado e presente gera uma revisão contínua das noções de lugar e de pertencimento intimamente relacionadas à negociação de identidade que os processos de deslocamento inexoravelmente provocam. Nesse campo, é interessante notar como a descoberta do outro na Itália passa por um processo semelhante ao que Todorov descreveu em *A conquista da América. A questão do outro* (1993): a alteridade, como em relação aos indígenas na América, é ao mesmo tempo reconhecida e recusada. Colombo, de forma semelhante ao que podemos detectar em alguns textos-chave da literatura da migração, reconhece duas formas de conceber a alteridade; a primeira vê o outro como igual, o que leva a um comportamento assimilacionista e à projeção dos próprios valores sobre o outro; a segunda parte da diferença, imediatamente traduzida em termos de superioridade e inferioridade, e recusa a existência de uma outra substância humana que não seja

somente um estado imperfeito de si mesmo. Essas duas figuras básicas da alteridade, completa Todorov, são baseadas na identificação dos seus próprios valores com os valores em geral e do seu eu com o universo (TODOROV, 1993, pp. 33-48). Essa mesma ambiguidade encontra-se na base de algumas obras pertencentes à literatura da migração na Itália, nas quais o desejo de assimilar o outro e de transformá-lo passa até mesmo pela questão do nome; assim, muitos migrantes veem seus nomes transformados em similares italianos. Trata-se de uma estratégia que Zygmunt Bauman reconhece como antropofágica, isto é, “tornar a diferença semelhante”, que se contrapõe à estratégia antropofêmica, a qual determina a exclusão do outro (BAUMAN, 1998, pp. 28-29). Também é interessante notar nos textos dos escritores migrantes, a partir dos conceitos de Stuart Hall, como as identidades não possam ser concebidas como fixas e centralizadas em razão das consequências da globalização, e como o autóctono, em uma atitude de preservação das características fundadoras do grupo (controle do território, cultura, tradições), tenda a resistir à alteridade, a partir de um mecanismo de definição e reforçamento da identidade que revela os princípios enunciados por Todorov sobre a ambigüidade entre revelação e rejeição; diferenciando-se do outro, o grupo autóctono torna-se consciente da sua identidade. A diferença torna-se uma fronteira impermeável. A literatura migrante torna-se um elemento dinâmico em relação às identidades em formação de que fala Stuart Hall, o qual salienta que a articulação entre o global e o local gera efeitos divergentes sobre os processos identitários: o primeiro é a erosão das identidades nacionais, causada pela homeoneização cultural; em segundo lugar, a resistência ou o fortalecimento das identidades locais e por fim, a hibridação como desenvolvimento de novas identidades e novas posições de identificação. Os escritores migrantes, como afirma o estudioso, são o produto de novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais. Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, falar duas linguagens culturais, traduzir e negociar entre elas (HALL, 2006). Esse *status quo* reflete-se na ficção, na qual o escritor migrante esforça-se por interpretar essa situação, sensível a toda e qualquer possibilidade ou obstáculo no confronto com o outro.

A relação de alteridade que se observa na visão do migrante como o outro indica também a relação entre a literatura da migração e a literatura italiana canônica. A presença da primeira impõe uma reavaliação e uma definição dos limites da segunda e uma articulação maior entre centro e periferia. A aplicação de uma etiqueta aditiva à literatura escrita por escritores migrantes na língua e no território da nação

italiana constitui um parâmetro divisor entre esta produção e a literatura italiana *mainstream*. Como salienta o crítico Gian Paolo Biasin, “la letteratura ha le sue periferie in espansione (...) Quand’è che un dato genere diventa letterario e “canonizzato”, e quando invece è marginale, popolare, fuori dal canone?” (BIASIN, 1995, p. 440) A questão enunciada por Biasin reflete as estratégias problemáticas de inclusão da literatura migrante no universo literário nacional, com o deslocamento do foco para as zonas marginais ou periféricas da literatura e aponta para a investigação das tensões entre o centro e a periferia. Muitas vezes, em termos de crítica, como vimos, essas obras são associadas unicamente a um contexto intercultural ou a um prisma étnico (e, portanto, “outro”), ou mesmo confinadas em categorias extra-literárias, o que torna opaca ou mesmo invisível a possibilidade de uma avaliação literária dessas obras. Não raro recebem um tratamento crítico isolado, dissociado do quadro geral da literatura italiana contemporânea e desprovido de um confronto crítico-dialógico com a tradição nacional, embora fique claro, através da análise da recepção de algumas dessas obras hoje, que estas comecem a ser aceitas no panorama da literatura italiana, não obstante a etiqueta “migrante” e, conseqüentemente, passem a representar um desdobramento vital (temático, imaginário, formal, estilístico, linguístico) na concepção de uma literatura nacional, como também um desafio ao cânone nacional ou uma eventual extensão deste.

Notas

1 Note-se que a palavra “extracomunitari” designa os estrangeiros não pertencentes à União Europeia.

* Essa bibliografia mínima refere-se às fontes secundárias.

Bibliografia*

BAUMAN, Zygmunt. *Il disagio della postmodernità*. Tradução Vera Verdiani. Milano: Paravia-Bruno Mondadori, 2002.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução M. Gama e C. M. Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BIASIN, Gian Paolo. Le periferie delle letteratura. *Intersezioni*, 3, p. 439-449, 1995.

BOELHOWER, William. Immigrant biographies in Italian Literature: the birth of a new text-type. *Forum Italicum*. vl. 35, 2, p. 110-128, 2001.

BREGOLA, Davide. *Da qui verso casa*. Roma: Edizioni Interculturali, 2002.

BRINKER-GABLER, Gisela; SMITH, Sidonie(ed.). *Writing new identities. Gender, Nation, and Immigration in Contemporary Europe*. Minneapolis/London. University of Minnesota Press, 1997.

- _____. *Encountering the other (s). Studies in Literature, History, and Culture*. Albany: State University of New York Press, 1995.
- BURNS, Jennifer. Exile within Italy: interactions between past and present homes in texts in Italian by migrant writers. *Annali d'Italianistica*, 20, p. 369-383, 2002.
- _____. POLEZZI Loredana. *Borderlines. Migrazioni e identità nel Novecento*. Isernia: Cosmo Iannone, 2003.
- _____. Recent immigrant writing in Italian: a fragile enterprise. *The Italianist*, 18, p. 213-244, 1998.
- CACCIATORI, Remo. Il libro in nero. Storie di immigrati. In: SPINAZZOLA, Vittorio (org). *Tirature '91*. Torino: Einaudi, 1991. p. 163-173.
- CHAMBERS, Iain. *Paesaggi migratori. Cultura e identità nell'epoca postcoloniale*. Tradução Anna-maria Biavasco e Valentina Guani. Genova: Costa & Nolan, 1996.
- COLACE, Giulia. Nascita di una scrittura meticcica. Gli immigrati africani in Italia. *Linea d'ombra*, p. 87-89, julho/agosto 1995.
- COMMARE, Giuseppina. *I figli africani di Dante. Sulla letteratura migrante italoфона*. Catania: C.U.E.C.M. 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, *Kafka: per una letteratura minore*. Tradução Alessandro Serra. Milano: Feltrinelli, 1975.
- EINAUDI, Luca. *Le politiche dell'immigrazione in Italia dall'Unità ad oggi*. Roma-Bari: Laterza, 2007.
- GNISCI, Armando (org). *Nuovo planetario italiano. Geografia e antologia della letteratura della migrazione in Italia e in Europa*. Troina: Città Aperta, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Dp&A, 2006.
- PACCAGNINI, Ermanno. *La letteratura italiana e le culture minori*. In: MALATO, Enrico (org). *Storia della letteratura italiana*. vol. XII. Roma: Salerno, 2002. p.1019-1070.
- PALLAVICINI, Piersandro. Qualcosa che viene da lontano. *Pulp Libri*, 45, p. 60-65, setembro/outubro 2003.
- PARATI, Graziella. Ospitalità italiana e letteratura immigrata. In: RAMBERTI, A.; SANGIORGI, R. (org.). *Mosaici d'inchiostro*. Santarcangelo di Romagna: Fara, 1996. pp. 15-25.
- _____. Living in translation, thinking with an accent. *Romance Languages Annual*, VII, p. 280-286, 1997.
- _____. Lo sguardo dell'altro. In: RAMBERTI, A.; SANGIORGI, R., (org.). *Destini sospesi di volti in cammino*. Santarcangelo di Romagna: Fara, 1998.
- _____. (ed.). *Mediterranean crossroads. Migration Literature in Italy*. Madison/London. Farleigh Dickinson University Press-Associated University Press, 1999.
- _____. *Migration Italy. The art of talking back in a destination culture*. Toronto-Buffalo-London: University of Toronto Press, 2005.
- PEGORARO, Paolo (org.). Come ti racconto il mondo nella lingua di Dante. *Lecture*, 638, p. 8-23, junho/julho 2007.
- POETI, Alida. "Non passa lo straniero": località e alterità dalla cronaca all'invenzione romanzesca. *Studi d'Italianistica nell'Africa Australe*, 14, 2, p. 138-150, 2001.
- PONZANESI, Sandra. *Paradoxes of postcolonial culture. Contemporary women writers of the Indian and Afro-Italian Diaspora*. Albany: State University of New York Press, 2004.

- PORTELLI, Alessandro. Le origini della letteratura afroitaliana e l'esempio afroamericano. *L'ospite ingrato. Annuario del centro studi di Franco Fortini III*. Macerata: Quodlibet, 2000. p. 69-86.
- _____. Fingertips stained with ink. Notes on New 'Migrant Writing' in Italy. *International Journal of Postcolonial Studies*. 3, p. 472-483, 2006.
- RUBERTO, Laura. Immigrants speak: Italian Literature from the border. *Forum Italicum*, vl. 31, 1, p.127-139, Spring 2007.
- RUSHDIE, Salman. *Patrie immaginarie*. Tradução Carola Di Carlo. Milano: Mondadori, 1991.
- SANTE, Matteo; BELLUCCI Stefano. *Africa Italia. Due continenti si avvicinano*. Santarcangelo di Romagna. Fara, 1999.
- SAYAD, Abdelmalek. *La doppia assenza. Dalle illusioni dell'emigrato alle sofferenze dell'immigrato*, Tradução Deborah Borca e, Raoul Kirchmayr. Milano: Raffaello Cortina, 2002.
- _____. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.
- SINOPOLI, Franca. Postfazione. In: LECOMTE, Mia (org). *Poesia della migrazione in italiano*. Firenze: Le Lettere. 2006. p. 215-232.
- SEYHAN, Azade. *Writing outside the nation*. Princeton-Oxford: Princeton University Press, 2001.
- TADDEO, Raffaele; IBBA Alberto (org.). *La lingua strappata: testimonianze e letteratura migranti*. Milano: Leoncavallo, 1999.
- TODOROV, Tzvetan. *La conquista dell'America. Il problema dell'altro*. Tradução Aldo Serafini. Torino: Einaudi, 1992.
- _____. *A conquista da América. A questão do outro*. Tradução Beatriz Perrone Moisés. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1993.
- _____. *Le morali della storia*. Tradução F. Sessi. Torino: Einaudi, 1995.
- _____. *I generi del discorso*. Tradução Margherita Botto. Firenze: La Nuova Italia, 1983.
- UNITED Colors of Italy. *Cosmopolitan*, julho 2007, p. 52.
- VALGIMIGLI, Nadia. Nel ventre della balena. *Afriche e Orienti*, 3-4, p. 153-162, 2000.

